

toda vida), o uso de probiótico (4g / SID-15 dias), dimeticona (20 gotas / TID-4 dias) e metronidazol (15mg/kg / BID-7 dias). Após três semanas de tratamento o paciente apresentou melhora no quadro, porém episódios de diarreia ainda eram observados. Repetiu-se o teste da atividade proteolítica fecal e desta vez foi registrada a presença de enzimas digestivas no filme de raio-x. Conclui-se, portanto, que o diagnóstico clínico da IPE pode ser obtido com a associação entre anamnese, exame físico e exames complementares. Embora, seja um distúrbio fisiopatológico incurável o prognóstico da IPE é bom, desde que a terapia adequada seja instituída. Retornos regulares para a avaliação do paciente também são essenciais para o sucesso do tratamento. Todas essas medidas garantem bem-estar e prolongam a vida do animal.

Palavras-chave: Canino, Diagnóstico, Insuficiência Pancreática Exócrina, Tratamento.

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-289

INTOXICAÇÃO POR AZUL DE METILENO (CLORETO DE METILTIONÍNIO) EM GATO

Samay Zillmann Rocha Costa¹; Vivian de Assunção Nogueira²; Gabriela de Carvalho Cid³; Mariana Sequeira D'Ávila¹; Tiago da Cunha Peixoto⁴; Ticiano Nascimento França²

¹Discente do Programa de Pós-graduação em Medicina Veterinária, UFRRJ; ²Professor do Departamento de Epidemiologia e Saúde Pública, Instituto de Veterinária, UFRRJ; ³Bolsista de Iniciação Científica do CNPq, UFRRJ; ⁴Professor do Departamento de Anatomia, Patologia e Clínicas Veterinárias, UFBA. E-mail: gabicid_@hotmail.com

É descrito um caso de intoxicação por azul de metileno (cloreto de metiltionínio) em gato. Em outubro de 2011, um felino, mestiço da raça Angorá, macho, com dois anos e meio de idade e histórico de infecção urinária foi encaminhado ao Setor de Anatomia Patológica da UFRRJ para ser necropsiado. Fragmentos dos órgãos foram coletados e processados rotineiramente para histopatologia. À necropsia, foi constatado que as mucosas, tecido subcutâneo, região medular do rim, serosa da bexiga e tecidos adjacentes à bexiga apresentavam nítida tonalidade azulada, padrão lobular hepático evidente, bile com coloração verde-clara, mucosa vesical azulada e urina com sedimentos, enegrecida e odor fétido. Havia ainda marcado edema pulmonar. Microscopicamente, no fígado foi constatada acentuada necrose de coagulação de hepatócitos da região paracentral e retenção biliar. No pulmão havia marcado edema. Nos rins foi observado aumento de filtrado nos túbulos e glomérulos, com dilatação da cápsula de Bowman, epitélio tubular vacuolizado e espessamento da membrana basal glomerular. Havia ainda necrose de coagulação em alguns túbulos da região medular e pequena quantidade de pigmento amarelo-amarronzado no citoplasma do epitélio tubular. No baço foram constatados leve hemossiderose e rarefação do centro folicular. Na literatura são escassos os casos desta toxicose em gatos e não há consenso sobre a utilização desse fármaco nessa espécie. Por outro lado, sabe-se que esta droga pode causar anemia com formação de corpúsculos de Heinz e hemólise intravascular em felinos. Não foi constatado, na literatura, a descrição de necrose hepática paracentral causada por azul de metileno, entretanto, sabe-se que a anemia hemolítica pode ocasionar necrose hepática paracentral e necrose tubular renal. Achados similares foram descritos na intoxicação por *Indigofera suffruticosa* em ruminantes, planta que tem como princípio tóxico uma anilina. No presente relato, o diagnóstico de intoxicação por azul de metileno (cloreto de metiltionínio) foi estabelecido com base no histórico e nos achados clínico-patológicos.

Palavras-chave: toxicose, felino, azul de metileno

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-290

INTOXICAÇÃO POR CHOCOLATE AMARGO EM UM CÃO – RELATO DE CASO

Raphael Nikolas Lira¹; Marthin Raboch Lempek²; Selene Eger Sawada³; Paulo Vinícius Tertuliano Marinho⁴

¹Unid. Clin. Vet. LIRA, ²Universidade do Estado de Santa Catarina, ³Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB, ⁴MV Universidade Estadual de Londrina – UEL. Email: Raphaelira@hotmail.com

O cacau é reconhecido pelo seu conteúdo fitoquímico, especialmente pela metil-xantina e teobromina, substâncias com efeito estimulante semelhante ao da cafeína. Cada 100 g de chocolate contém 5 mg de metil-xantina e 160 mg de teobromina, além de 600 mg de feniletilamina, estimulante muito parecido produzido naturalmente pelo organismo, a dopamina e a epinefrina. A metil-xantina e teobromina são potenciais causadores de intoxicação nos cães e a quantidade de teobromina varia de acordo com o chocolate. O presente trabalho relata um caso de intoxicação por chocolate amargo em um cão abordando os sinais clínicos, tratamento e prognóstico. Foi atendido na Unidade Clínica Veterinária LIRA, um cão, sem raça definida, pesando 8Kg, com queixa de vômitos e convulsões consecutivas que segundo o proprietário eram devido ao envenenamento por carbamato, denominado popularmente como “chumbinho”. À inspeção visual, o animal apresentava sialorréia e estupor. Ao exame físico observou-se midríase, nistagmo, hiperestesia, taquipnéia, temperatura retal 38,9 °C, 140 bpm, e mucosas rósea clara. Diante da midríase, foi descartada a hipótese de intoxicação por chumbinho, porém não por estricnina. Durante o exame clínico, o animal entrou em estado convulsivo, sendo controlado com Diazepam (1mg/Kg/IV). O proprietário negou a possibilidade da ingestão acidental de qualquer medicação ou alimento tóxico. Duas horas após, o cão novamente apresentou convulsão, nesse momento foi adotado o tratamento com Fenobarbital (1mg/Kg). Três horas após, convulsionou, sendo induzido ao coma com Propofol (5mg/Kg/IV) e mantido em infusão contínua (0,4mg/Kg/min), novamente sem sucesso, o animal veio a óbito quatro horas após essa medida. No dia seguinte ao óbito, o proprietário entrou em contato questionando a possibilidade de intoxicação por chocolate amargo, pois sua esposa o havia fornecido. Verifica-se que a intoxicação por chocolate deve entrar como diagnósticos diferenciais em animais que apresentem quadros agudos, com presença de nistagmo, sialorréia, midríase e convulsões.

Palavras-chave: intoxicação, teobromina, chocolate, amargo.

ANIMAIS DE COMPANHIA

P-293

LÁBIO LEPORINO EM CÃES RECÉM NASCIDOS: RELATO DE CASO

Janalía Azevedo Faria¹; Nilza Dutra Alves²; Vanessa Kaliane Nunes da Costa³; Ana Helena Lima de Souza²; Francisco Marlon Carneiro Feijó²; Rodrigo Alboim de Paiva Fernandes Rodrigues³

¹Discente de pós-graduação em Ambiente, Tecnologia e Sociedade – UFERSA; ²Docente da UFERSA; ³ Discente do curso de medicina veterinária da UFERSA

O presente trabalho relata a ocorrência de labio leporino em cinco cães recém nascidos da raça yorkshire. Foi atendido em uma clínica veterinária de Fortaleza, uma cadela de raça Yorkshire, com três anos de idade. A paciente foi levada a clínica, pois havia entrado em trabalho de parto, e foi